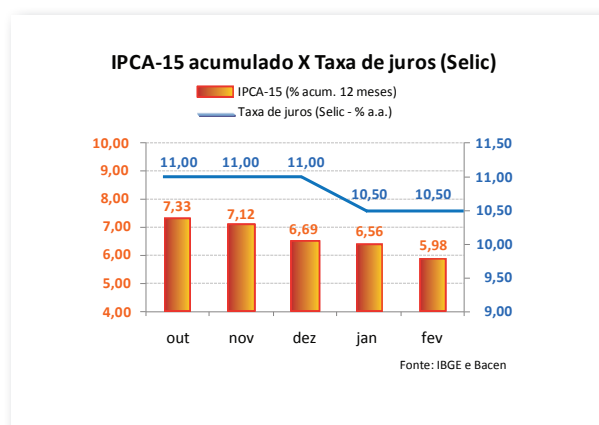
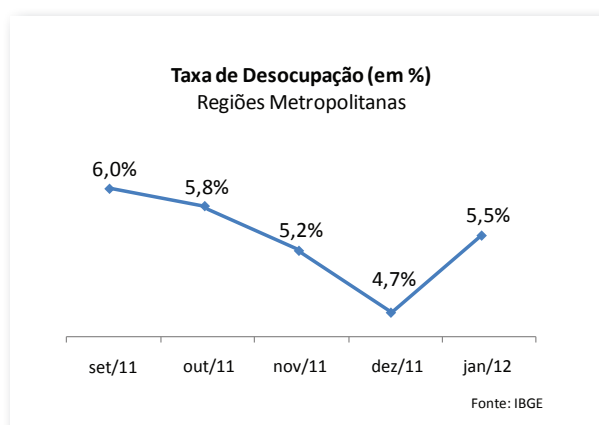


Expectativas do Mercado

Nos Estados Unidos, mantém-se a perspectiva de recuperação. A atividade manufatureira e as vendas no comércio varejista apresentaram ligeira expansão em janeiro, com variações de 0,7 e 0,4%, respectivamente, em relação a dezembro. E os novos pedidos de auxílio-desemprego ficaram estáveis (351 mil novos pedidos), na semana terminada em 17 de fevereiro, permanecendo no melhor nível desde o início da recessão de 2008, o que é um sinal de que o mercado de trabalho está se recuperando.

Na Região do Euro, em meados de fevereiro, a Comissão Europeia, braço executivo da União Europeia, divulgou relatório prevendo queda de 0,3% no PIB da região em 2012. A previsão é de retração no primeiro trimestre, estagnação no segundo, e recuperação apenas a partir do terceiro trimestre. Os países com expectativa de queda mais acentuada, em 2012, são: Grécia (-4,4%), Portugal (-3,3%), Itália (-1,3%) e Espanha (-1%).

No Brasil, em janeiro de 2012, a taxa de desocupação nas principais regiões metropolitanas do país foi de 5,5%. Esta foi a menor taxa para o mês, desde o início da série (em 2002), o que denota um mercado de trabalho aquecido. A produção industrial registrou variação de +0,3% no acumulado do ano. Em fevereiro, a taxa de inflação acumulada em 12 meses, medida pelo IPCA-15, ficou em 5,98% a.a., registrando ligeira desaceleração frente ao mês anterior. E a taxa de juros Selic continua em 10,50% a.a.



A mediana das expectativas de mercado com relação à variação do PIB brasileiro foi ajustada para 2,82% em 2011. A expectativa do mercado para a inflação, medida pelo IPCA, deve ficar acima da meta anual de 4,5% até fins de 2015. Por sua vez, a expectativa para a taxa básica de juros (Selic) apresenta uma tendência à queda em 2012 e ajustes nos anos seguintes, com elevação em 2013 e reduções em 2014 e 2015.

Quadro – Expectativas do mercado

	Unidade de medida	2011	2012	2013	2014	2015
PIB	% a.a. no ano	2,82	3,30	4,10	4,50	4,45
IPCA	% a.a. no ano	6,50	5,24	5,11	5,00	4,60
Taxa Selic	% a.a. em dez.	11,00	9,50	10,50	10,00	9,50
Taxa de câmbio	R\$/US\$ em dez.	1,80	1,75	1,75	1,80	1,83

Fonte: Banco Central, Boletim Focus, consulta em 27/02/2012

Esta publicação integra o rol de trabalhos elaborados pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas (NEP) da Unidade de Gestão Estratégica (UGE) do Sebrae NA e tem por objetivo contribuir com o planejamento e ações estratégicas do Sistema Sebrae. Neste número, inicialmente, é apresentado o desempenho recente da economia brasileira e as expectativas do mercado para os próximos anos. Na sequência, é exposta uma análise do desempenho recente de setores onde é forte a presença de Micro e Pequenas Empresas (indústrias da construção, têxtil e confecções, calçados, móveis, comércio e serviços). Em seguida, o artigo **O microcrédito produtivo orientado e a assistência técnica empresarial** faz uma breve análise do Programa Nacional de Microcrédito Produtivo e Orientado – Crescer MPO. Finalmente, na última seção, são apresentadas as estatísticas mais recentes disponíveis sobre as MPE na economia brasileira.

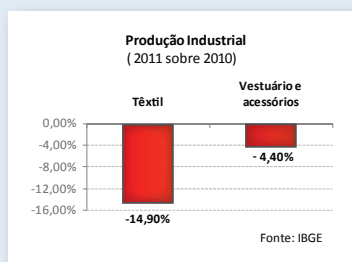
Notícias Setoriais

CONSTRUÇÃO

O Índice Nacional de Custo da Construção (INCC-M), medido pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), acumula aumento de 1,2% neste ano e, nos últimos doze meses, de 7,92%, puxado pelo custo da mão de obra (+11,79%), enquanto os custos relativos a Materiais e Equipamentos subiram apenas 4,01% nesse período. Embora a atividade desse setor tenha se desacelerado em 2011, o mercado de trabalho manteve-se aquecido com a criação de 211 mil vagas na Construção no Brasil. Para este ano e os próximos, no entanto, a perspectiva é positiva, tendo em vista os investimentos do PAC, em particular do programa Minha Casa, Minha Vida, e as obras para atender os eventos Copa do Mundo e Olimpíadas.

Fonte: FGV

TÊXTIL E CONFECÇÕES



A produção física da indústria têxtil fechou 2011 com queda de 14,9% sobre o ano anterior, enquanto a de Vestuário computou retração menor, de 4,4%, no mesmo período comparativo. A balança comercial do setor Têxtil e de Confeções acumulou déficit de US\$ 4,75 bilhões em 2011, 34,8% acima do observado em 2010. As empresas continuam a enfrentar forte concorrência com os produtos importados, principalmente da China, mas essa situação tende a ser minimizada com a implementação do Plano Brasil Maior, que deve proporcionar mais competitividade à indústria nacional frente aos produtos importados

Fontes: IBGE e ABIT

CALÇADOS

A indústria de Calçados e Artigos de couro registrou queda de 10,4% na produção física em 2011, em relação ao ano anterior. Já a balança comercial de calçados fechou 2011 com superávit de US\$ 868,5 milhões. O estado do Ceará assumiu o 1º lugar em quantidade de pares exportados (45 milhões), ficando em segundo no faturamento (US\$ 351,6 milhões), mas continua enfrentando problemas com a Argentina. Os gaúchos mantiveram a liderança no faturamento, embora este tenha caído 19%, de 2010 para 2011, atingido US\$ 577 milhões. Esse setor também foi contemplado no Plano Brasil Maior e deverá ter a sua competitividade aumentada frente aos produtos importados.

Fontes: IBGE, Abicalçados e SECEX/MDIC

Exportação brasileira de calçados – 2011

UF	US\$ (milhões)	Pares (milhões)	VM¹
RS	577,3	22,6	25,56
CE	351,6	45,1	7,79
SP	124,9	5,7	21,77
PB	84,5	23,0	3,67
BA	77,9	7,1	10,97
MG	21,5	1,5	14,21
SE	19,1	1,5	12,63
PR	11,0	1,2	9,19
Outros	28,3	5,1	9,21

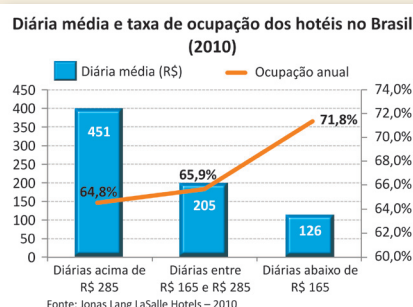
Um valor médio por par.

MÓVEIS

A produção física de móveis cresceu 1,5% em 2011 sobre o ano anterior, apesar do aumento de 20% das importações e redução de 3,8% das exportações, o que demonstra perda de mercado para os produtos importados. Embora o setor não tenha sido contemplado no Plano Brasil Maior com a desoneração do INSS patronal (de 20% sobre a folha de pagamento), por opção dos próprios empresários, tende a ser beneficiado por outras medidas contidas no referido Plano. A perspectiva para o setor é de continuidade de crescimento da produção e das vendas, em função do bom momento vivenciado pela construção civil e da manutenção do emprego e da renda em patamares elevados.

Fontes: IBGE e MDIC

SERVIÇOS – TURISMO – HOTÉIS



Fonte: Jonas Lang LaSalle Hotels – 2010

Há nove anos atrás, a taxa média de ocupação da rede hoteleira de São Paulo girava em torno de 39%, mas, em 2011, passou para 69%, o que permitiu ajuste nos preços da diária de até 20%, enquanto no Brasil, o ajuste médio foi de 16% e a taxa de ocupação, de 68,2% (2010), com crescente participação do turista estrangeiro. Apesar dessa melhoria, menos de 1% das viagens de turismo no mundo tem como destino o Brasil. Porém, representantes do setor estão otimistas e acreditam que essa realidade mudará com a realização da Copa do Mundo e Olimpíadas.

Fonte: G1, de 17.02.2012.

Artigo do Mês

Por João Silvério Júnior ¹

O microcrédito produtivo orientado e a assistência técnica empresarial

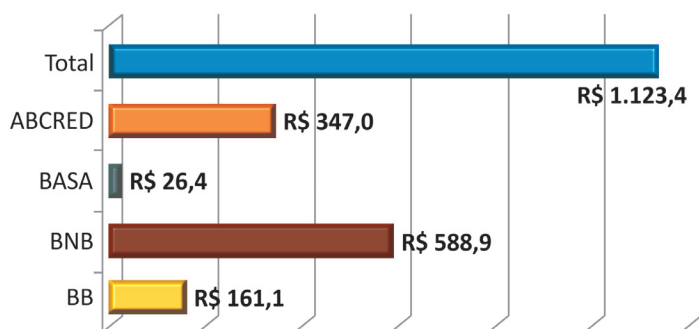
Recente estudo desenvolvido pelo Sebrae (dez./2011 – no prelo) em parceria com a Associação Brasileira das Operadoras de Microcrédito e Microfinanças – ABCRED, aponta que Instituições de Microcrédito organizadas sob forma de ONG/OSCIP atendem a aproximadamente 200 mil empreendedores, sendo 75% informais e somente 25% formalizados (EI e ME). Em relação aos setores econômicos, 70% se dedicam ao comércio, 25% a serviços e 5% à indústria, cujos (micro) financiamentos médios são de R\$ 3.500,00.

Pelo lado da oferta de serviços financeiros públicos, o Programa Nacional de Microcrédito Produtivo e Orientado – Crescer MPO, também lançado em 2011 e operado pelos bancos públicos federais (BB, BASA, CAIXA e BNB/Crediamigo), objetiva elevar o padrão de vida de milhões de empreendedores, estimulando a geração de emprego e o desenvolvimento de novos negócios, via empreendedorismo & bancarização, entre outros.

Tais números indicam, mesmo considerados como microcrédito produtivo, que há mais espaço do que percebido para a parcerização em termos de oferta de assistência técnica empresarial. Tanto a oferta quanto a demanda por microcrédito produtivo e orientado com a componente da assistência técnica empresarial tendem a ser percebidos como complementares, não concorrentes.

Dados preliminares disponibilizados pelas instituições financeiras parceiras indicam que a meta em termos de volume e quantidade foram alcançadas, sendo de 172% e 112%, respectivamente. Interessante avanço dado o conjunto de dificuldades enfrentadas pelos pequenos negócios quando na busca de financiamentos, conforme historicamente percebido pelo Sistema Sebrae.

Gráfico 1 – CRESCER MPO – Volume de Recursos
(Base: dez./11, em R\$ milhões)



Fonte: Sebrae/UAMSF

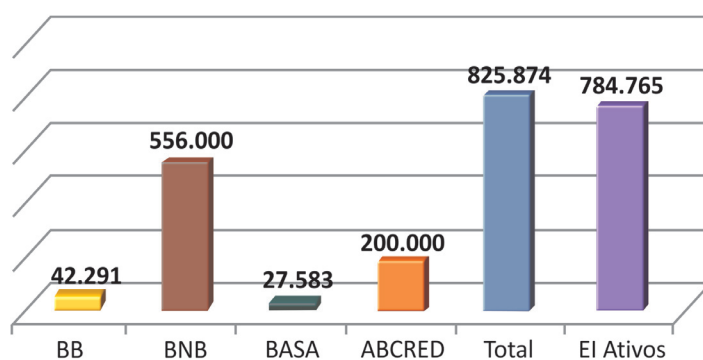
Consideradas as concessões de microcrédito liberadas pelo CRESCER MPO e pelas instituições operadoras de microcrédito e microfinanças associadas à ABCRED (Gráfico 1), estima-se em R\$ 1,12 bi o volume de microcréditos direcionados ao setor produtivo de pequeno porte no ano de 2011. Em termos de quantidade (Gráfico 2), são 825 mil empreendedores atendidos, número superior, por exemplo, à quantidade de Empreendedores Individuais (EI) adimplentes (CGSN/MF – Nov.2011), com grande destaque para o Programa Crediamigo do Banco do Nordeste, responsável por 67% dos contratos aqui considerados, seguidos pelas instituições de microcrédito organizadas na forma de ONG/OSCIP (24%).

É possível perceber, também, que a grande maioria das atividades financiadas é similar àquelas passíveis de regularização como EI (Banca de jornais, comércio de

livros, revistas e CD, bar, mercearia, quitandas, comércio de alimentos e de doces e salgados), o que a aproxima de pelo menos duas metas mobilizadoras que buscam i) ampliar empresas atendidas e registradas no SiacWeb e ii) contribuir para a formalização de trabalhadores por conta própria como Empreendedores Individuais.

Assim e de forma positiva, hoje o Sebrae, trabalhando por segmentação de porte, possui plenas condições de aumentar sua carteira de clientes, tendo no programa Negócio a Negócio e na Metodologia SEI – por exemplo, formas de atender proativamente maior contingente de empreendedores hoje já efetivamente financiados por diversas instituições financeiras parceiras, porém ainda carentes de sensibilização para sua formalização e acesso à assistência técnica. Para tanto, é necessário novo olhar, sob a perspectiva de um “novo pós – crédito”, afinal de contas, o Sebrae não financia – no máximo garante parte deste, mas certamente realiza com maestria efetiva assistência técnica empresarial.

Gráfico 2 – CRESCER MPO – Quantidade de Operações
(Base: dez./11, em mil)

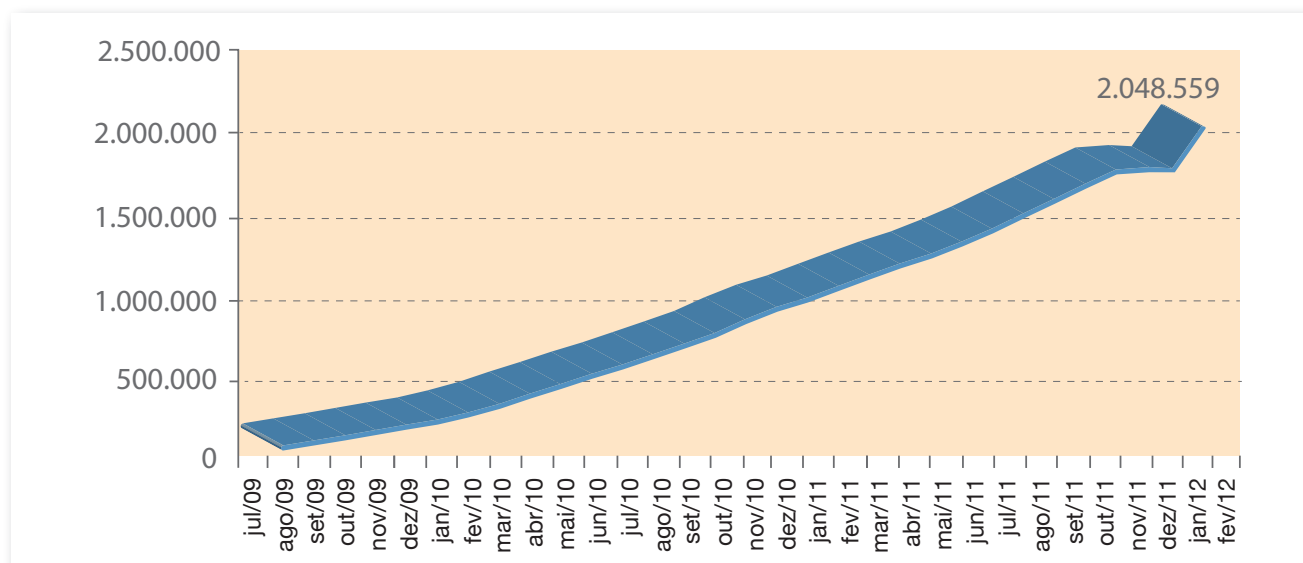


Fonte: Sebrae/UAMSF

¹ Mestre em economia, analista do Núcleo de Inclusão e Articulação da Unidade de Acesso a Mercados e Serviços Financeiros (NIA/UAMSF) do Sebrae NA.

Estatísticas sobre as MPE

Número acumulado de EI formalizados até 24/fevereiro/2012



Dados básicos sobre Micro e Pequenas Empresas (MPE) no Brasil

Participação das MPEs na economia (em %)	Ano do dado	Brasil	Fonte
No PIB (%)	1985	20%	Sebrae NA
No faturamento das empresas (%)	1994	28%	Sebrae NA
No número de empresas exportadoras (%)	2010	61%	Funcex
No valor das exportações brasileiras (%)	2010	1%	Funcex
Na massa de salários das empresas (%)	2010	40%	RAIS
No total de empregados com carteira das empresas (%)	2010	52%	RAIS
No total de pessoas ocupadas em atividades privadas (%) ¹	1999	67%	Sebrae SP
No total de empresas privadas existentes no País (%)	2010	99%	RAIS

Nota: (1) Pessoas Ocupadas = (Empregador + Conta-Própria + Empregado com carteira + Empregado sem carteira), apenas para o estado de São Paulo

Informações sobre MPE	Ano do dado	Brasil	Fonte
Quantitativo de MPE			
Número de Micro e Pequenas Empresas registradas na RAIS	2010	6.120.927	RAIS
Número de optantes do Simples Nacional (em 24/02/2012)	2012	6.085.522	SRF
Número de empreendedores individuais (em 24/02/2012)	2012	2.048.559	MDIC
Número de estabelecimentos agropecuários (MPE)	2006	4.367.902	IBGE
Mercado de trabalho			
Número de empregadores no Brasil	2009	3.991.512	IBGE
Número de conta-própria no Brasil	2009	18.978.498	IBGE
Número de empregados c/ carteira assinada em MPE	2010	14.710.631	RAIS
Rendimento médio mensal dos empregadores no Brasil (em SM)	2009	6,7 SM	IBGE
Rendimento médio mensal dos conta-própria no Brasil (em SM)	2009	1,8 SM	IBGE
Rendimento médio mensal dos empregados c/ carteira no Brasil (em SM)	2009	2,1 SM	IBGE
Rendimento médio mensal dos empregados c/ carteira nas MPE (em R\$)	2010	R\$ 1.099	RAIS
Massa de salários paga por MPE (em R\$ bilhões)	2010	R\$ 16,1	RAIS
Comércio exterior			
Número de MPEs exportadoras	2010	11.858	Funcex
Valor total das exportações de MPEs (US\$ bilhões FOB)	2010	US\$ 2,0 bi	Funcex
Valor médio exportado por MPE (US\$ mil FOB)	2010	US\$ 170,9 mil	Funcex

Fonte: Elaboração UGE/Sebrae NA (atualizado em 27/02/2012)